



A EXCLUSÃO “REVELADA”: O NEGRO NO FUTEBOL PELOTENSE ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA (1910-1938)

Christian Ferreira Mackedanz¹

Resumo: Neste trabalho, pretendo discutir que olhar tem sido dado a um dos tipos de fonte que tenho utilizado nas minhas pesquisas: as fotografias. Com a ajuda, principalmente, de algumas obras de Jacques Le Goff e Ana Maria Mauad pretendo mostrar que as fontes não-escritas tem sido uma das principais ferramentas para o estudo com temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional. Como minhas pesquisas se concentram na exclusão a que os negros eram submetidos na prática do futebol no período pós-abolição, esse tipo de fonte tem sido fundamental para perceber a ausência de negros nos principais clubes da cidade (neste ponto é que a pesquisa pode dialogar com o conceito de identidade), fazendo uma pesquisa que questione as lacunas e os silenciamentos dos documentos, já que quase nunca essa questão aparece nas fontes escritas. É importante ainda, dizer que as fotografias não podem ser vistas como meras reproduções da realidade, mas como elaborações do vivido, leituras do real. Portanto, em alguns momentos as utilizo para demonstrar a presença ou a ausência de negros em determinados clubes de futebol e, em outros momentos, busco interpretar algumas intencionalidades contidas nesses registros.

Como este trabalho pretende focar em um tipo específico de fonte, começarei com algumas considerações metodológicas. Nas fotografias,

entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica. (MAUAD, 1996, p. 75).

Parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. [...] Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo (MAUAD, 1996, p. 80).

¹ Universidade Federal de Pelotas, Mestrando em História, christian_mackedanz@hotmail.com.



Além disso, Kossoy (1989) faz uma importante distinção entre história *da* fotografia e história *pela* fotografia (Kossoy, 1989, p. 35-37) e considero que a forma como trabalho diz respeito a segunda opção, pois busco interpretar um contexto histórico através de fotos, já que não tenho informações suficientes para fazer uma leitura intensiva da foto, que me revele algum estilo específico. Estando ciente, portanto, do olhar que deve ser direcionado para o registro fotográfico, é importante dizer que esta pesquisa poderá cumprir adequadamente um critério apontado pela mesma autora, quando ela diz que “há que se observar um critério de seleção, evitando-se misturar diferentes tipos de fotografia” (MAUAD, 1996, p. 83), afinal as fotografias estudadas serão todas do mesmo tipo (jogadores perfilados, formando uma equipe). Ainda sobre a metodologia, algumas imagens foram adquiridas de revistas dos clubes e outras de jornais e, sobre os estes últimos, levarei em conta as colocações de Loner (1998, p.14) acerca deles.

Pelotas é a cidade que possui a maior população de afrodescendentes do interior do Estado, isto porque havia um grande contingente de negros escravos vinculados às charqueadas. Gutierrez (1999) mostra o contraste que existia em Pelotas, no período por ela estudado, entre os senhores endinheirados, querendo mostrar, através das obras arquitetônicas, seu gosto refinado e seu poder econômico, e os escravos, obrigados a trabalhar na produção econômica escravista do charque e também nos canteiros de obras da área urbana. O objetivo deste trabalho, no entanto, é pesquisar o período pós-abolição. Nesse sentido, as colocações de Loner (2010) são fundamentais:

A população afro-descendente de Pelotas foi trazida à região para trabalhar, sob o regime da escravidão. Posteriormente à Abolição eles se radicaram aqui, trabalhando em todo o tipo de serviço [...]. Em 1890, formavam cerca de um terço da população urbana de Pelotas e sua grande concentração na cidade tornou-os um dos principais grupos de trabalhadores do município. Durante a maior parte do século XX, os negros sofreram muito com a segregação e o preconceito racial, que terminaram condicionando suas chances de ascensão social e de busca de emprego na cidade. (Loner, 2010, p. 182)

Além disso, Dornelles (1998, p. 108-112) comenta que a concorrência com os imigrantes era desleal, com relação à necessidade de seu trabalho, pois estes recebiam, tanto no campo como na cidade, um apoio muito maior da imprensa e das camadas dirigentes. Portanto, é nesse contexto social de tensão, entre os negros que buscavam se integrar à



sociedade na sua nova condição (trabalhador livre) e a segregação e o preconceito² com que eram recebidos, que este trabalho pretende discutir como essa situação se manifestou no futebol. Para que o recorte temporal proposto para a pesquisa faça sentido, é fundamental que sejam feitas algumas considerações sobre como o futebol chegou nessa cidade.

A primeira partida de futebol em Pelotas provavelmente ocorreu em 1901³ (Rigo, 2004) e o primeiro clube da cidade, o Atlético Foot-Ball Club, foi fundado em 1904 (Loner, 1999; Rigo, 2004). Porém, foi em 1906 “o primeiro grande ano do futebol em Pelotas” (Alves, 1984, p. 16). Rigo (2004) confirma que, “ao que tudo indica, 1906 pode ser considerado o ano em que o futebol deu os sinais indicativos de que veio pra ficar. A partir desse ano, cada vez mais, ele se fez presente nos eventos festivos e esportivos da elite pelotense” (Rigo, 2004, p. 69). Este interesse da elite pelotense pelo futebol tem explicação geográfica (proximidade com Rio Grande, do clube mais antigo, e com a Argentina e o Uruguai, onde o futebol já era praticado antes do Brasil), mas tem, sobretudo, uma explicação econômica. Magalhães (1993), comparando Pelotas a Porto Alegre, destaca que

os dois municípios praticamente se equiparavam, em desenvolvimento, no transcorrer do Império. Mas, em 1927, do total das receitas arrecadadas pelos municípios gaúchos, Porto Alegre participará com 43,2%, em primeiro lugar; Pelotas, mesmo em segundo lugar, terá o índice de 6,5% (Magalhães, 1993, p. 296).

Apesar do fim da escravidão os setores das charqueadas e da indústria saladeiril terem tido uma queda acentuada, que os fez deixar de rivalizar com a capital, essa região continuou tendo uma importância significativa dentro do contexto estadual, seja nas dimensões política, econômica ou cultural, importância esta, que vai se perdendo com o decorrer do tempo. Com uma situação econômica favorável durante o período de funcionamento das charqueadas, muitos senhores enviavam seus filhos para estudar na Europa, onde o futebol já era mais praticado e possuía um significado social maior. Portanto,

essa empatia inicial pelo futebol, muitas vezes iniciada em terras estrangeiras, acontecia tanto com os distintos cidadãos de posse da região, que viajavam seguidamente a negócios ou a passeio, como também com os seus filhos, que na época iam estudar na

² Conceito que será historicizado a partir de Hofbauer (2006) e será entendido como conceito social, conforme Guimarães (2005, p. 67).

³ Lembrando que quem jogou a partida foi o Sport Club Rio Grande, o clube mais velho do Brasil. Para mais informações sobre ele, ver Rigo (2004, p. 55-60).



Europa. Ao retornarem às suas cidades de origem, além de camisas de seda, da literatura em voga e das novidades europeias do ano (o corte de cabelo, as palavras mais usadas, os costumes e hábitos corporais em moda), alguns desses seletos filhos da elite da região trouxeram também informações, material apropriado e um certo conhecimento prático do futebol (RIGO, 2004, p. 64).

Além disso, o material para a prática era caro, sendo a bola um item precioso. Juntando esses fatores, é possível entender porque os primeiros anos do futebol em Pelotas foram marcados pelo elitismo. Porém, essa elite tomava medidas para tentar garantir que este esporte continuasse restrito. A intenção era a de controlar

quem, como e onde se praticava o futebol fazia parte das intenções da elite da época, que estava atenta para fazer de seu tempo de lazer uma experiência singular de classe. A resistência a uma miscigenação maior, tanto social como racial, era uma das fortes preocupações para uma fração significativa da cidade, que fazia questão de viver aristocraticamente (RIGO, 2004, p.82).

Loner (1999) também fala sobre a questão da tensão entre elite e democratização deste esporte em Pelotas. Para ela, o futebol

desenvolveu-se primeiro junto às classes mais abastadas, mas rapidamente o futebol encontrou-se com a classe operária e demais setores populares. Já em 1909 havia o clube Aliança dos Operários, cuja primeira diretoria contemplava dois negros em posições de destaque (Loner, 1999, p. 142).

Apesar disso, ela comenta que

essa transformação iniciou ainda nos times de várzea e nas disputas amigáveis, pois os principais campeonatos foram, por muito tempo, controlados pela elite. Dizer que o futebol era um esporte mais democrático não significa que ele fosse imune aos processos seletivos vigentes na sociedade. Houve discriminação racial em vários desses clubes, mais evidente nas diretorias, mas evidenciando-se, em alguns casos, também no campo de esportes (Loner, 1999, p. 144).

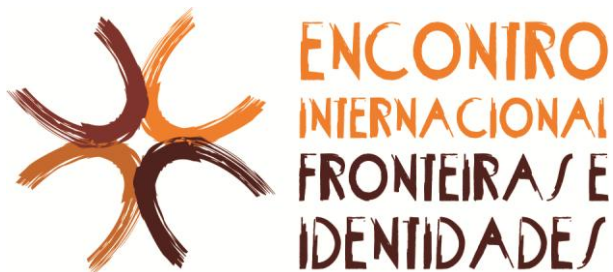
Assim, em Pelotas “segundo a hierarquia antes apontada, destacam-se inicialmente os times de elite, como o: Brasil, Pelotas, Ideal, União, Rio Branco e outros” (LONER, 1999, p. 144). No caso do E. C. Pelotas, fundado em 1908 da fusão dos clubes C. S. Internacional, C. Esportivo e Foot-Ball Club (RIGO, 2004), é possível observar, através da imagem 1, como de fato o clube começa sendo composto exclusivamente por jogadores brancos.



Imagem 1: Equipe do S. C. Pelotas de 1912 que venceu uma série de jogos amistosos na região e se auto intitulou Campeã Estadual. (Revista Almanaque de Pelotas, 1917, p. 89).

Se parece consensual que o E. C. Pelotas surgiu com este viés elitista, o caso do G. S. Brasil, fundado em 1911 (RIGO, 2004), merece maiores cuidados. Como atualmente este clube é considerado popular, muitas vezes, isso produz a falsa impressão de que essa característica o acompanha desde o seu nascimento. Boanova (1997), por exemplo, afirmou que “a expressão ‘time de negros’ encontra no G. S. Brasil uma assimilação, pois este time realmente contava com negros entre suas equipes desde seu nascimento, sendo muitas vezes negros os ídolos da equipe” (Boanova, 1997, p. 17). Os trabalhos de Loner (1999) e Rigo (2004) apontam que essa característica popular não estava presente já na fundação. Loner (1999) diz que

o G. S. Brasil, nascido de uma dissidência no time de empregados da cervejaria Haertel, depois ficará conhecido como time "de negros", mas no início isso não se configura em suas diretorias, em que apareciam nomes de indivíduos da pequena burguesia, muitos deles filhos de imigrantes (Loner, 1999, p. 144).



Apesar desse início, Rigo (2004) coloca que

Entre os times que disputavam o campeonato da Liga Pelotense de Foot- Ball⁴, o Grêmio Esportivo Brasil logo se tornou o clube mais popular. Ele é lembrado também como o primeiro clube desta liga que se dispôs a aceitar em seu grupo jogadores negros e mulatos. O depoimento concedido por Seu Clóvis ressalta que, já em 1919, quando o Brasil venceu a primeira edição do Campeonato Estadual, promovido pela federação Rio Grandense de Desportos, fazia parte da equipe campeã o mulato Babá. Rigo (2004, p. 151)

A imagem 2, mostra que o jogador mulato referido acima não estava presente apenas em 1919, mas já em 1917 (o Babá é o segundo jogador em pé, da direita para a esquerda).



Imagem 2: Equipe do G. E. Brasil, campeã da cidade em 1917.

(Revista Brasil Gigante. Edição da ORPAL (Dir.) Edson, Pires. n. 1. 1971, p. 21).

Rigo (2004) ainda comenta que “se a presença isolada do mulato Babá na equipe de 1919 pode ser vista apenas como mais uma exceção à regra, o mesmo não se pode dizer das equipes que o clube formou um pouco mais tarde” (Rigo, 2004, p. 152). Eu acredito que a tentativa de ver a presença deste jogador como sinal de aceitação de negros por parte do clube

⁴ Que começa a ser disputada em 1913 (RIGO, 2004, p. 87).



deve ser relativizada, pois se tratava de um mulato (e não era tão visível, pelo menos na foto, a sua negritude) e, por ser o único, podemos pensar que outros fatores (como dinheiro ou familiares influentes) poderiam explicar essa exceção. Este tema, do momento em que os clubes comentados passaram a aceitar mais atletas negros, voltará a ser debatido mais adiante. Neste momento, o que fica explícito é a relutância inicial dos principais clubes pelotenses em aceitar jogadores negros. É nesse contexto que surge a Liga José do Patrocínio:

a Liga José do Patrocínio foi fundada em 10/6/1919, congregando times negros da cidade e mantendo sua existência pelas próximas duas décadas. Faziam parte dela os clubes Juvenil, América do Sul, Universal, Vencedor, União Democrata e Luzitano (Loner, 1999, p. 144).

Rigo (2004) também corrobora o surgimento dessa liga e o caráter que ela irá assumir, fazendo ainda algumas considerações sobre o quadro excludente que antecede a sua criação ao colocar que

como resultado do acúmulo dessas experiências de resistência e de contraposição à perpetuação exclusiva de um futebol branco e de elite, fundou-se em Pelotas, em 1919, a “Liga José do Patrocínio”, que logo se tornou conhecida como “a liga dos negros”. No primeiro ano de sua existência, fizeram parte de seu campeonato as seguintes equipes: “América do Sul, Juvenil e Vencedor” (Rigo, 2004, p. 150).

Na imagem 3, é possível ver, se feita uma comparação com as outras duas imagens mostradas, o contraste entre os clubes (brancos) da Elite do futebol Pelotense e os clubes (negros) da Liga José do Patrocínio, nas primeiras décadas de prática do futebol em Pelotas⁵.

⁵ Além dessa diferença na cor dos atletas, o fundo das imagens 1 e 3 apresentam grandes diferenças. Enquanto a 1, do Pelotas, os jogadores estão num estúdio, simbolizando um ideal olímpico de esporte, na imagem 3, do Juvenil, um muro parece ser o limite do campo de jogo, dando uma ideia do caráter improvisado da prática desse esporte por parte da população mais pobre.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES



Imagem 3: Equipe do S. C. Juvenil que disputava a Liga José do Patrocínio, em 1922
(A Alvorada, 15/11/1931).

Os vestígios trazidos nesta pesquisa pretendem demonstrar a existência de preconceito na elite do futebol pelotense, nas primeiras décadas do século XX. Porém, isso pretende ser discutido a partir da percepção da não-existência de negros nos clubes da elite e da investigação dos caminhos percorridos por eles para continuarem praticando o esporte, como no caso da Liga José do Patrocínio. Nesse ponto, percebe-se como os silenciamentos estão presentes na relação entre história e memória. Sobre essa questão é importante lembrar que

a reflexão histórica se aplica hoje à ausência de documentos, aos silêncios da história. (...) Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos (Le Goff, 1992, p. 109).

É dessa forma que esta pesquisa irá se relacionar com as fontes. Procurará perceber na ausência do negro, a maior prova do preconceito velado ao qual este grupo era submetido nas décadas posteriores à abolição. Após estas considerações, voltaremos a analisar a



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

presença de negros nas equipes do G. E. Brasil e do S. C. Pelotas tentando verificar qual foi a repercussão desse momento de inclusão do negro, na década de 1930, nesses dois clubes. Os contrastes nas reações de ambos foram grandes. A seguir, estão fotos dos dois times. A diferença de data entre elas é de apenas um ano.



Imagem 4: S. C. Pelotas, Campeão Estadual em 1930
(Revista Esporte Clube Pelotas 90 anos: 1908-1998. 1998, p. 10).





Imagem 5: G. S. Brasil, Campeão Pelotense em 1931 (Opinião Pública, 25/12/1931)

Nessas imagens, fica clara a diferença étnica nos plantéis. Enquanto quase a metade do time do G. E. Brasil era composto por jogadores negros⁶, no S. C. Pelotas a equipe continuava branca.

Sobre a aceitação de negros no G. E. Brasil, Rigo (2004) coloca que

Ainda nos anos 20, passam a fazer parte da equipe outros jogadores negros⁷, como, por exemplo, Gradim e Ivo, em 1925, e Fruto, em 1929. Esse processo de incorporação de atletas negros, além de ter sido uma estratégia que qualifica significativamente as equipes do Brasil, acabou por fortalecer o veio popular do clube. Ao longo de toda a década de 30, a presença de jogadores negros se fortaleceu, tornou-se uma constante e virou uma espécie de emblema (Rigo, 2004, p. 152).

O E. C. Pelotas teve uma postura diferente e, segundo Rigo (2004), o time

é lembrado como o clube que representava a elite da cidade e que mais resistência teve ao movimento de miscigenação racial que acontecia no futebol brasileiro e local. Alcides de Moraes⁸, ex-goleiro do Pelotas, se reportou a isso tecendo um paralelo com o ocorrido com a dupla Gre-Nal, na capital do estado. ‘No Pelotas foi só um pouco depois que eles começaram a jogar. Até então, pode ver no pavilhão do Pelotas: só se vê branco. Em 38 já tinha o Dirceu jogando, que era um mulato. Era quase como o Grêmio, que o primeiro a jogar foi Tesourinha’ (Rigo, 2004, p. 153).

O mesmo autor ainda comenta que em outros clubes da Liga Pelotense de Futebol e até em times de bairros ocorriam casos de preconceito com os negros e que isso mostra que o racismo, longe de se manifestar exclusivamente no futebol, era um problema social da época (Rigo, 2004, p. 154-155).

Apesar de todas essas peculiaridades de Pelotas, antes de concluirmos a discussão que este trabalho propôs é importante perceber que o fato da aceitação ter se intensificado na década de 1930, apesar da Frente Negra Pelotense (FNP) ser “uma entidade aglutinadora na luta contra a discriminação racial” (LONER, 1999, p. 401) que conseguiu algumas conquistas,

⁶ É importante destacar que na foto do G. E. Brasil é possível perceber que há ainda certa “distância” entre negros e brancos. Com exceção de um que está agachado bem à direita, os demais negros estão de pé, agrupados atrás (além de um menino branco). Este aspecto pode demonstrar que, apesar da aproximação, entre os jogadores a cor da pele ainda podia ser um elemento de aproximação/afastamento.

⁷ Além do já citado Babá, em 1917 e 1919, mas que era exceção.

⁸ Entrevistado pelo autor citado em 1999.



está conectado com um movimento nacional do período, que foi a profissionalização⁹ do futebol.

Portanto, neste trabalho tentei discutir o preconceito com o negro no futebol pelotense nas primeiras décadas do século XX usando as fotografias como a fonte principal de análise. Acredito que foi possível discutir a questão utilizando-as em alguns momentos para demonstrar a ausência de negros nos clubes da Liga Pelotense de Futebol (LPF) na década de 1910, o contraste em relação a presença deles na Liga José do Patrocínio no mesmo período e com a entrada deles nos clubes da LPF na década de 1930 sempre buscando interpretar algumas intencionalidades contidas nesses registros, não tratando-os como meras reproduções do real.

Referências Bibliográficas

- AL-ALAM, C. C. *A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. Pelotas: Edição do autor; Sebo Icária, 2008.
- ALVES, E. *O futebol em Pelotas*. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.
- DA MATTA, R. Antropologia do óbvio. *Revista USP*, São Paulo, nº 22, p. 10-17, jun/jul/ago 1994.
- DORNELLES, J. B. *Profissões Exercidas Pelos Negros em Pelotas (1905-1910)*, História em Revista, Pelotas, v.4, 95-138, 1998.
- FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FRANCO JÚNIOR, H. *A Dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUIMARAES, A. S. A. *Racismo e Antirracismo no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2005.
- HOFBAUER, A. *Uma história do branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- KOSSOY, B. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: São Paulo, Ed. Da UNICAMP, 1992.

⁹ Não será possível desenvolver aqui, mas sobre a profissionalização ver Loner (1999, p. 412-413), Franco Junior (2007, p. 75-76), Rigo (2004, p. 134-141), Filho (2003, p. 176).



- LONER, B. A. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) - UFRGS.
- LONER, B. A. Jornais pelotenses diários na República Velha. *Ecos Revista*, Pelotas, v. 2, n.1, p. 5-34, 1998.
- LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas, Ed. da UFPel, 2010.
- MACKEDANZ, C. F. *Esporte e exclusão: o negro no futebol pelotense (1925-1938)*. 2014. Monografia (Graduação em História) - UFPel.
- MAGALHÃES, M. O. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EdUFPel - Livraria Mundial, 1993.
- MAUAD, A. M. *Através da imagem: fotografia e história, interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.
- RIGO, L. C. *Memórias de um Futebol de Fronteira*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2004.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.